

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA FILOSOFIA ESPECULATIVA KANTIANA

Marco Antonio FRANGIOTTI
(UFSC)

ABSTRACT

In this paper I try to develop some methodological aspects of Kant's speculative philosophy. For this purpose, I assume Hintikka's point of view which establishes a link between transcendental philosophy and the analytical method of ancient Greek geometers. Although Kant had never construct a general theory of the method employed by him in the transcendental philosophy, one can pick from his books some quotations in wich he stresses important aspects concerning the nature of his philosophical methode. In doing so, I try to reinterpret several fundamental concepts of his theoretical thought.

RESUMO

Neste artigo busco desenvolver alguns aspectos da filosofia especulativa kantiana. Para tanto, assumirei o ponto de vista de Hintikka, que estabelece uma relação entre a filosofia transcendental e o método analítico dos antigos geômetras gregos. Apesar de Kant não ter construído uma teoria geral do método utilizado na filosofia transcendental, pode-se extrair de seus livros algumas citações nas quais ele enfatiza importantes aspectos relativos à natureza de seu método filosófico. Desta forma, reinterpretarei alguns conceitos fundamentais de seu pensamento teórico.

1. INTRODUÇÃO

Meu objetivo neste artigo é a compreensão de alguns dos principais aspectos metodológicos do pensamento kantiano. Para tanto, seguirei o ponto de vista recentemente defendido por Hintikka (cf. H.) e adotarei como base deste estudo a análise geométrica grega. Mais exatamente, utilizarei o **método de análise-síntese** dos antigos geômetras gregos como modelo metodológico a partir do qual certos aspectos cruciais do sistema transcendental possam ser destacados e reavaliados, bem como a estratégia geral de Kant em relação a muitos problemas que ele estava solucionando possa apresentar-se sobre novas bases¹. E uma vez que, segundo o próprio Kant, a assepsia empreendida pela **crítica da razão** é condição de possibilidade para o estudo de todo o conjunto dos problemas filosóficos restantes, a tarefa de minuciar o edifício transcendental poderá auxiliar sobremaneira o entendimento do pensamento kantiano como um todo.

Com isso em mente, este artigo começará expondo as características básicas do método dos geômetras e suas principais interpretações, levando em conta basicamente a obra **The Method of Analysis** (cf. H. R.), que Hintikka escreveu em colaboração com Unto Remes. Num segundo momento, mostrarei algumas passagens de textos kantianos nos quais se manifesta a influência do método em questão no pensamento kantiano. Realizado isso, procurarei reinterpretar alguns conceitos básicos da filosofia transcendental à luz de sua vinculação com o método de análise-síntese.

2. A DESCRIÇÃO DE PAPPUS E AS POLÊMICAS INTERPRETATIVAS

A mais completa descrição do método de análise-síntese pode ser encontrada numa passagem do livro *Collestio* de Pappus, recentemente traduzida por Hintikka e Remes:

“A análise é o caminho que parte daquilo que é buscado (zetoumenon) como se fosse admitido - e segue através de seus concomitantes (akólouthon) em ordem, até algo admitido na síntese. Pois na análise supomos aquilo que é buscado como se já fosse dado, investigamos de que ele resulta e, novamente, qual o antecedente desse último e assim por diante, até que seja alcançado, em nosso caminho para trás, algo que já é conhecido e que é o primeiro na ordem. A um tal método chamamos análise, como sendo uma solução para trás. Na síntese, por outro lado, supomos aquilo que foi alcançado por último na análise como se já fosse dado e, colocando na ordem natural como conseqüentes o que antes era antecedente e conectando-os sucessivamente uns aos outros chegamos por fim à construção da coisa buscada. E isso é a síntese” (apud H. R. pp. 8-10).

Há, pois, um procedimento composto de dois movimentos básicos: a análise e a síntese. Na análise, supõe-se o que se quer como verdadeiro ou existente e se investigam as condições que o tornam possível. Esse trajeto heurístico chega ao fim quando se alcança um ponto reconhecidamente verdadeiro e seguro. Na síntese, inverte-se a seqüência dos passos analíticos, tomando os elementos constitutivos recém-descobertos e reorganizando-os de modo a elaborar uma prova - lógica ou geométrica - de sua verdade ou construtibilidade.

Embora apresente com minúcia as instruções metodológicas do procedimento dos geômetras, esse locus classicus constitui-se como o epicentro de várias polêmicas interpretativas, devido a pelo menos duas ambigüidades principais. A primeira delas surge quando são confrontadas as expressões akólouthon (usualmente traduzida por “conseqüências”) e solução para trás. Não é difícil notar que elas engendram o seguinte impasse: na análise, afinal, o geômetra desce em busca de conseqüências (lógicas) ou sobe em busca de antecedentes do pressuposto inicial? Tal impasse será a base da célebre polêmica acerca do sentido direcional da análise.

A segunda ambigüidade diz respeito à indefinição quanto ao fato de se na análise se trata de caminhar de uma proposição a outra ou de uma figura geométrica a outra. Tal indefinição, juntamente com a questão da direção da análise, engendrará também a querela sobre o caráter proposicional ou construcional do método de análise-síntese.

Ora, se se quer compreender a filosofia transcendental à luz do método em questão, é necessário antes acompanhar tais disputas e avaliar a adequação e a plausibilidade dos argumentos de cada uma das partes envolvidas. Somente a partir daí será possível reconhecer a linha interpretativa de Kant e os desdobramentos dela advindos em seu projeto filosófico. É o que pretendo fazer no que se segue.

Os pesquisadores que advogam que a análise é um movimento ascendente em busca de premissas, dentre os quais Cornford², procuram interpretar a expressão *akólounthon* no sentido de **seqüências sucessivas**, reconhecendo assim os passos da análise como se dando apenas **temporal** e não **logicamente**. Desse modo, na análise buscar-se-iam proposições que pudessem implicar logicamente o **zetoumenon**, constituindo-se mais num procedimento intuitivo do que dedutivo. A síntese, por sua vez, é que seria dedutiva.

É importante notar aqui uma aparente impossibilidade lógica que afeta a plausibilidade da concepção da análise como movimento descendente. De fato, a tese de que a expressão *akólounthon* deva ser interpretada como **conseqüência lógica** criaria o seguinte impasse: se temos que **p** implica **q**, não se segue daí que tenhamos **q** implicando **p** (cf. H. R. pg. 12).

Para rebaterem esse argumento, os defensores da análise como um movimento descendente, dentre os quais se destaca Robinson³, recorreram à pressuposição de que as implicações deveriam ser encaradas como **recíprocas**; apenas desse modo estaria garantida a **conversibilidade** do processo metodológico por ocasião da síntese. O que se estaria buscando, então, não seriam **conseqüências**, mas sim **equivalências lógicas**.

Embora relevantes num estudo sobre o método de análise-síntese, todas essas questões sobre a direção da análise acabam, como observam Hintikka e Remes, reduzindo o escopo de sua aplicação a um âmbito meramente lógico. Em outras palavras, a ênfase ao problema direcional “tende a sugerir que o que está sendo analisado é a transição dedutiva dos axiomas ao teorema a ser provado, que é analisado dentro de uma seqüência de passos de dedução (H. R. pg. 31).

Do mesmo modo, há que se perceber que, na tentativa de solução dessa primeira ambigüidade, atinge-se inevitavelmente a segunda ambigüidade, i. e., o problema sobre o caráter proposicional ou construcional do método de análise-síntese. De fato, a primeira polêmica restringe a discussão do método de análise-síntese ao mero campo da lógica. Essa situação encorajou sem dúvida uma interpretação equivocada desse método, que não obstante prevaleceu durante quase toda a Idade Média e foi assumida também por vários filósofos contemporâneos da ciência.

Segundo Hintikka e Remes, o problema de tal interpretação - por eles chamada de interpretação proposicional - é que ela desconsidera a raiz geométrica do método de análise-síntese, deixando de lado, assim, certos ingredientes sutis e fundamentais nele imiscuídos. Ora, trata-se então de resgatar o sentido geométrico que lhe é peculiar, mas que foi escamoteado através dos tempos (cf. H. R. pg 201).

Em vista disso, tais autores propõem uma interpretação alternativa do método de análise-síntese, a saber, a interpretação construcional. Sua compreensão será fundamental para o estudo subsequente sobre as relações entre o método de análise-síntese e a filosofia kantiana. Isso porque procurarei no próximo item evidenciar que Kant se valeu do referido método não apenas do ponto de vista proposicional, mas também que o fez desde um ponto de vista construcional.

Para Hintikka e Remes, de fato, o ponto crucial de discordância acerca do relato de Pappus reside nos vários sentidos que se tem dado à expressão *akólouthon*, cuja vagueza não deixou de causar mesmo certas suspeitas sobre a sua consistência. Esses

autores, porém, não reconhecem “nenhum problema real de consistência, pois as afirmações cruciais não devem ser entendidas no sentido que recentemente lhes foi atribuído” (H. R. pg. 13). Eles decidem *ipso facto* traduzir tal expressão por “concomitantes” ou “aquilo que caminha junto com”, a fim de preservar o caráter ascendente da análise (cf. H. R. pg. 14).

Para ratificarem essa tradução, tais autores recorrem a uma evidência interna e outra externa ao relato pappusiano. Quanto à primeira, é preciso reconhecer que Pappus usa *akólouthon* sempre que visa descrever o movimento ascendente, valendo-se de outros termos para descrever o movimento oposto, tais como *apódeixis* ou *hepómēna* (ibid; cf. R. L. pg. 126). Quanto à segunda, Hintikka e Remes recorrem principalmente a Platão. Para Platão, conforme uma apreciação etimológica feita no diálogo *Crátilo*, o termo *akólouthon* deriva de *akéleuthos*, o qual significa - “aquilo que tem o mesmo caminho” (*Crátilo*, 405 C ff.; cf. H. R. pg. 14 e cf. R. L. pgs. 128 ff.).

Dirimidas, pois, as dúvidas sobre a direção da análise - que passa a ser vista realmente como movimento ascendente -, pode-se ao mesmo tempo, sem prejuízo da passagem de Pappus, ultrapassar os limites da visão proposicional tradicional, reenviando o método de análise-síntese às suas origens gregas. Veremos, então, junto com Hintikka e Remes, que o primeiro passo metodológico dos geômetras gregos era instanciar (exemplificar) o teorema ou o problema proposto. Mediante tal instanciação - denominada de *ekthésis* - o geômetra podia observar a interconexão das partes da figura e descobrir, a partir daí, certas propriedades fundamentais para a prova do teorema ou para a solução do problema.

O que passa a estar em jogo, assim, não é mais uma sucessão de passos dedutivos (como advogam os adeptos da interpretação proposicional. Independente do fato de o *zetoumenon* ser uma proposição ou uma construção, o procedimento daqueles geômetras era sempre construtivo: tratava-se invariavelmente de começar desenhando o objeto geométrico requerido. Daí a denominação de construcional para a interpretação do método de

análise-síntese que leva em conta a prática geométrica grega (cf. H. R. pg. 44).

Resolvidas, pois, essas ambigüidades, convém apresentar as divisões e subdivisões do referido método descritas por Pappus em outra passagem do *Collectio* e reproduzidas por Hintikka e Remes (cf. H. R. pgs. 22 ff.).

O procedimento prévio para a aplicação do método de análise-síntese é chamado de **enunciação**, mencionado por Proclus numa citação de Heath da introdução dos *Elementos* (E. pg. 129). Essa enunciação se divide em três momentos: primeiro, apresentam-se os dados iniciais da prova do teorema ou da solução do problema - chamados de **dedomena**; segundo, determina-se a coisa buscada ou **zetoumenon**; e terceiro, instancia-se o **zetoumenon** (*ekthésis*).

A partir daí, seguem-se os dois movimentos básicos já mencionados anteriormente. A análise divide-se em dois estágios: a **transformação** e a **resolução**. Na transformação assume-se o **zetoumenon** como verdadeiro ou resolvido e se investigam suas condições mediante amplificação da figura instanciada. Esse estágio só termina quando se chega a proposições verdadeiras ou construções executáveis. Na resolução, ou se prova a verdade das proposições encontradas (premissas) ou se legitimam as construções realizadas (mostrando que elas são possíveis).

A síntese ou segundo movimento se divide, por sua vez, em **construção** (*kataskheue*) e **prova** (*apódeixis*). Na construção, o **zetoumenon** é efetivamente construído de acordo com os elementos descobertos e legitimados no movimento analítico. Na prova, soluciona-se realmente o **zetoumenon**.

3. KANT COMO UM HERDEIRO DO MÉTODO DE ANÁLISE-SÍNTESE.

Kant jamais procurou elaborar uma teoria geral do método empregado em sua filosofia, razão pela qual não é nada simples mostrar as influências do método de análise-síntese em seu

pensamento. No entanto, é possível reunir algumas passagens de textos kantianos nas quais, em menor ou em maior grau, se manifesta tal influência.

É inicialmente Hintikka quem chama a atenção para o fato de que Kant era conhecedor das características básicas do método de análise-síntese:

“O método analítico, na medida em que é oposto ao sintético, é algo muito diferente de um agregado de proposições analíticas. Isso quer dizer que começamos do que está sendo buscado como se já fosse dado, e subimos às condições sob as quais isso é possível. Nesse método usamos freqüentemente apenas proposições sintéticas, como no exemplo da análise matemática, e talvez seja melhor chamá-lo de **método regressivo**, em distinção ao método sintético ou **progressivo**” (P. pg. 22).

Essa passagem dos **Prolegômenos** mostra que Kant, ao distinguir os métodos progressivo e regressivo, na verdade está a descrever os dois movimentos que compõem o método de análise-síntese. A afirmação de que começamos daquilo que é buscado e subimos às condições “sob as quais isso é possível” assemelha-se à definição de Pappus citada no item precedente. Além disso, há já uma forte evidência para admitir que Kant encarava a análise como ascendente. Contudo, Kant deixa em aberto se está empregando tal método construcional ou proposicionalmente. É necessário, pois, recorrer a outras passagens para responder a essa questão.

Antes, porém, é preciso prestar atenção em outro importante ponto da passagem acima. Ele diz respeito à distinção que Kant faz entre **métodos** analítico e sintético e **proposições** analítica e sintética. Kant é enfático ao afirmar que estas últimas não devem ser confundidas com os dois movimentos que compõem o método de análise-síntese. De fato, a distinção entre proposições sintética e analítica é pensada por Kant à luz da relação sujeito e predicado. Assim, as proposições analíticas dizem respeito àquela espécie de proposição cujo predicado está imbutido no conceito do

sujeito. O fato desse mesmo predicado figurar após a afirmação de seu sujeito significa simplesmente que tais proposições desmembram o predicado de seu sujeito de modo a elucidar a proposição. No exemplo "todos os solteiros são não-casados", o predicado "não-casados" pode ser facilmente obtido se recorrer ao conceito do sujeito "solteiros". *Ipsa facto* tais proposições também são chamadas de proposições de elucidação ou de desmembramento e "nada acrescentam ao conceito do sujeito" (B 11).

As proposições sintéticas, por seu turno, apresentam um predicado que de modo algum poderia ser retirado do conceito do sujeito, como no exemplo "todos os corpos são pesados", no qual o sujeito "corpos" não contém o predicado "são pesados", mas é enriquecido por ele (*ibid.*). Tais proposições ampliam o conceito do sujeito, pois lhe acrescentam predicados que jamais poderiam ser obtidos por simples desmembramento. Por isso, essas proposições são também chamadas de "proposições ampliativas" (*cf. ibid.*).

Um método, porém, é analítico se busca condições de possibilidade (um *zetoumenon*); e é sintético se permite, a partir das condições descobertas na análise, que se proceda na ordem natural de explicação. Além disso, na parte analítica, como o próprio Kant afirma, usam-se freqüentemente apenas proposições sintéticas, o que se explica pelo fato de que na análise o que está em jogo é a descoberta de novos conhecimentos - não contidos na mera definição do sujeito da proposição afirmada nos *dedomena* - que servirão de componentes básicos para a construção e a prova da síntese. Daí não se segue que na análise não seja utilizada nenhuma proposição analítica. O caráter elucidativo desse tipo de proposição - mencionado por Kant em B 11 - é de alguma importância para a compreensão e para a prova da legitimidade (resolução) das condições descobertas na transformação.

Até agora as passagens comentadas são insuficientes para a afirmação da vinculação a que me propus. No entanto, em outro momento dos *Prolegômenos*, Kant é explícito quanto à utilização desse método na elaboração de sua filosofia, assinalando

que seu procedimento na referida obra foi analítico, enquanto que na **Crítica da Razão Pura** seu procedimento foi sintético:

“Na ‘Crítica da Razão Pura’ procurei tratar desta questão (‘é, em geral, possível a Metafísica?’) sinteticamente, ou seja, pesquisando na própria razão pura e procurando determinar nesta mesma fonte os elementos bem como as leis de seu uso puro segundo princípios (...). Os ‘Prolegômenos’ devem servir, ao contrário, de exercício preliminar; devem ser mais para mostrar o que se tem a fazer para trazer à realidade uma ciência, onde for possível, do que tentar expô-la. Eles devem (...) remontar às fontes que ainda não se conhecem (...). O procedimento metódico dos ‘Prolegômenos’, principalmente daqueles que devem preparar para uma futura metafísica, será, portanto, analítico” (P. pg. 20-1).

Com base nessa passagem, pode-se afirmar que Kant sem dúvida alguma utilizou o método de análise-síntese na elaboração de sua filosofia transcendental. Nos **Prolegômenos** o método é analítico, pois se trata de adotar um procedimento regressivo, do conhecimento almejado (zetoumenon) até “as fontes que ainda não se conhecem”. Na **Crítica da Razão Pura** o método é sintético, pois Kant procede progressivamente “da própria razão” e dos elementos de seu uso puro até a exposição do conhecimento pretendido, i. e., o sistema transcendental. Mais exatamente, os “**Prolegômenos**” tomam esse sistema como **dedomena**, e a investigação “da validade e utilidade” de cada uma de suas partes como **zetoumenon** (P. pg. 12). A partir daí, mediante um procedimento analítico, seguem “a examinar peça por peça os pontos principais que importam nesta ciência”, i. e., seguem **decompondo** regressivamente o edifício transcendental, evidenciando “todas as suas articulações” (P. pg. 13). A **Crítica da Razão Pura**, porém, toma o sistema transcendental como **zetoumenon**, a ser alcançado mediante um procedimento sintético, i. e., pesquisando na própria razão os ingredientes nela alocados que irão compor esse sistema. Há, pois, de um lado, uma transição do todo até as suas partes - apresentada nos **Prolegômenos** - que caracteriza uma trajetória tipicamente

analítica, e, de outro lado, uma transição das partes até o todo - apresentada na **Crítica da Razão Pura** - que caracteriza uma trajetória tipicamente sintética. Tais procedimentos coadunam-se perfeitamente com os comentários sobre o método de análise-síntese feitos no item anterior.

Aqui não se deve, porém, tomar as palavras de Kant literalmente. Os **Prolegômenos** não "descrevem sua pesquisa real em todas as suas partes analiticamente importantes, e a 'Crítica da Razão Pura' mistura procedimentos analíticos e sintéticos" (L. pg. 33). Isso quer dizer que nos **Prolegômenos** Kant não deixa de ser elíptico e é preciso freqüentemente recorrer à **Crítica da Razão Pura** para preencher as lacunas ali deixadas. De outro lado, a **Crítica da Razão Pura** não apresenta apenas um método sintético e encontram-se amiúde passagens nas quais Kant procede regressivamente em busca das condições que tornam possível um dado condicionado.

Para ilustrar esse ponto de vista, é oportuno mencionar brevemente aqui a **Dedução Transcendental** das intuições puras e das categorias, que pode muito bem servir de exemplo de um procedimento tipicamente analítico imiscuído na **Crítica da Razão Pura**. Após descobrir o espaço, o tempo e as categorias como candidatas a condições de possibilidade do nosso conhecimento - passo que corresponde à transformação - Kant procura evidenciá-los, de um lado, como dados a priori e, de outro lado, como ingredientes objetivamente válidos do nosso conhecimento. Não é difícil perceber que esses dois passos kantianos se ajustam perfeitamente à **resolução**, e que o último deles é exatamente aquele levado a cabo na **Dedução Transcendental**, a qual é entendida como a prova da validade objetiva - ou a prova da **legitimidade** (cf. B 117) - das intuições puras e das categorias. De fato, se ao geômetra cabe mostrar na **resolução** que as construções auxiliares alcançadas na transformação não são apenas dadas (ou executáveis) em obediência aos princípios básicos de Euclides, mas também legítimas para a solução ou prova do **zetoumenon**, a Kant caberá demonstrar que de fato temos os elementos a priori intuitivos e discursivos e que tais elementos são legítimas condições de possibilidade do nosso conhecimento.

Em vista disso, um esboço geral do pensamento especulativo kantiano com base no método de análise-síntese deverá levar em conta inevitavelmente tanto a *Crítica da Razão Pura* quanto os *Prolegômenos*.

Outro ponto a destacar, ainda com respeito à passagem dos *Prolegômenos* acima, é que Kant reconhece, junto com os geômetras gregos, que o primeiro movimento do método de análise-síntese é um método *heurístico*, pois serve para “mostrar o que se tem a fazer para trazer à realidade uma ciência”, i. e., para mostrar o que é preciso fazer para descobrir uma ciência. Ao mesmo tempo, o segundo movimento do método de análise-síntese serve mais como método de exposição da ciência descoberta na análise.

Tal caracterização do método dos geômetras pode também ser encontrada em outras passagens:

“Numa representação sistemática daquelas idéias (Deus, liberdade, imortalidade), a referida ordem seria, enquanto sintética, a mais conveniente; mas na elaboração que necessariamente deve precedê-la, a ordem analítica, que inverte a anterior, será a mais adequada, a fim de realizar completamente o nosso grande projeto, capacitando-nos a começar daquilo que é imediatamente dado na experiência (...)” (B 395 n).

O projeto a que Kant se refere é aquele da doutrina da alma, do mundo e de Deus, o que mostra que, para ele, o método de análise-síntese pode ser universalmente aplicável à sua filosofia especulativa em geral. Em outras palavras, essa passagem indica que o método dos geômetras pode ser aplicado não apenas ao estudo da possibilidade da experiência - realizado mediante o exame da capacidade de espontaneidade (entendimento) - mas também ao estudo da possibilidade de uma ordenação sistemática dessa experiência - a partir do estudo da razão pura. Neste último tipo de estudo, o método sintético serviria, pois, para uma “representação sistemática” das idéias da razão pura, i. e., para expor na seqüência usual o condicionado a partir de suas condições e garantir assim a unidade da experiência enquanto sistema. O

método analítico, por sua vez, permitiria que subíssemos, a partir daquilo que temos, i. e., “daquilo que a experiência fornece imediatamente”, em direção às suas condições enquanto conhecimento sistemático. Esse último movimento não é senão um procedimento analítico, no qual se procura descobrir as condições que tornam possível aquilo que se quer provar ou construir.

Kant, porém é mais explícito quanto ao caráter heurístico da análise e explicativo da síntese na “Lógica”:

“O método analítico é também chamado de método de descoberta (*Methode des Erfindens*). Para o propósito da popularidade, o método analítico é mais adequado; para o propósito da elaboração científica e sistemática da cognição, porém, o mais adequado é o método sintético (...). O método analítico é oposto ao método sintético. O primeiro começa com a condicional e com o que é fornecido e continua em direção aos princípios; o último vai dos princípios às conseqüências, ou do simples ao composto” (Log. parag. 117).

Vê-se também, a partir da passagem acima, que Kant admite a aplicação do método de análise-síntese de um ponto de vista quer lógico (com proposições) quer construtivo, na medida em que salienta a possibilidade de lidar tanto com “princípios e seus conseqüentes” - procedimento usual da lógica - quanto com o “simples e o composto” - procedimento usual do geômetra na busca de construções auxiliares para solucionar problemas geométricos. Tal característica também é afirmada por Kant em sua *Dissertação de 1770*:

“as palavras **análise e síntese** têm comumente uma dupla acepção. Na acepção **qualitativa**, a síntese é uma progressão dentro da série de **subordinadas**, da condição ao condicionado; na acepção **quantitativa**, ela é uma progressão dentro da série de **coordenadas**, da parte, para seu complemento, no todo. Simetricamente, a análise, no primeiro sentido, é uma regressão do **condicionado à condição**; no segundo, do **todo às suas partes possíveis ou mediatas**, i. e., às partes de suas

partes; e assim ela não é a divisão, mas a subdivisão do composto dado" (Di. parag. i n).

Análise e síntese podem, pois, ser tomadas quer no sentido qualitativo, quer no sentido quantitativo. No primeiro sentido, análise e síntese são, respectivamente, a transição das conseqüências ao fundamento - ou "do condicionado à condição" - e vice-versa. Como observa Hintikka, a primeira acepção encara o método de um ponto de vista proposicional, enquanto a segunda o encara construcionalmente. Pode-se admitir, a partir disso, que a utilização kantiana do método de análise-síntese não se dará de uma maneira apenas proposicional. O que importará a Kant, na verdade, não será apenas a prova de proposições, como os lógicos provam seus teoremas. O que se lhe apresentará como indispensável será a solução de um determinado problema, qual seja, a busca de ingredientes (ou das "partes possíveis") para a construção de compostos objetivos (cf. M. A. item 3).

Em outras palavras, o problema central de Kant será o de encontrar os elementos intuitivos e discursivos que tornam possíveis as proposições sintéticas a priori. Tal como os antigos geômetras gregos, Kant admitirá uma convivência harmoniosa entre proposições e construções ao aplicar o método de análise-síntese em sua filosofia especulativa. Pode-se portanto dizer que o método analítico kantiano na solução das questões filosóficas será utilizado não apenas no sentido lógico ou proposicional, mas também no sentido construcional.

Aqui é necessário explicitar que o procedimento construtivo do qual Kant lançará mão para tal fim não será meramente aquele da matemática. O problema básico da pesquisa transcendental não será a construção de um objeto matemático qualquer, mas sim do objeto da experiência possível. Isso exigirá uma adequação do conceito matemático de construção às peculiaridades das questões filosóficas enfrentadas. *Ipsa facto* pode-se afirmar que em Kant há vários sentidos para o termo "construção", todos inspirados naquele da matemática, embora com certas características distintas deste último. Como exemplo, cito as provas dos princípios do entendimento puro. Ao se deparar

com a necessidade de fornecer um estofa intuitivo às categorias, Kant percebe que tais elementos são heterogêneos entre si. Inspirado, então, no procedimento do geômetra, que instancia por construção os seus conceitos, Kant procurará - a partir da mediação dos **esquemas transcendentais** enquanto elementos homogeneizadores - subsumir sob as diferentes categorias o múltiplo da intuição sensível. Tal procedimento, que chamarei de **esquemático transcendental**, será *mutatis mutandis* aquele da matemática, embora relacionando não exatamente o conceito a seu objeto, mas sim o conceito (categoria) à síntese do múltiplo intuitivo, resultando daí o objeto possível kantiano. Somente mediante tal procedimento, dirá Kant, as categorias terão sentido e significação (cf. B 148-9).

4. ALGUNS TEMAS KANTIANOS

Todas as considerações precedentes, tomadas em conjunto, permitem uma reinterpretação de muitas das concepções kantianas encontradas em sua filosofia transcendental. Uma delas consiste na divisão básica do conhecimento puro, a saber, o conhecimento a partir de **conceitos** e o conhecimento a partir da **construção de conceitos** (cf. A 162, 713 e M. A. item 5). Ora, o que Kant quer dizer com "construir um conceito?" Tal expressão se refere à operação que "exibe a priori a intuição que corresponde ao conceito" (B 741). Melhor dizendo, construir um conceito significa instanciá-lo na intuição pura. Por exemplo, "construo um triângulo ao representar o objeto correspondente a este conceito mediante a pura imaginação na intuição pura, ou de acordo com as mesma sobre o papel na intuição empírica, e, em ambos os casos, de um modo totalmente a priori, sem me valer de um modelo retirado de qualquer experiência" (ibid.). Aqui acrescento que, para Kant - assim como para os geômetras antigos - também as proposições são construtíveis. De fato, Kant assinala que, se para construir o conceito de triângulo nos restringirmos à sua instanciação na intuição pura, teremos aí um procedimento tipicamente matemático,

“e, nesse caso, também o método de construção geométrica, por meio do qual combino na intuição pura (...) o múltiplo que pertence ao esquema de um triângulo em geral, e portanto ao seu conceito. É por tal método que as proposições sintéticas universais devem ser construídas (*konstruiert*)” (B 746; cf. A 24, L. pg. 29 e M. A. item 3).

Com base nisso pode-se afirmar que tal construção instancia proposições - o que faz lembrar do procedimento de *ekthésis* dos gregos antigos, no qual um dado teorema (proposição) a ser provado era instanciado por intermédio da exibição de uma figura - e essas instanciações são empregadas na descoberta e na prova de incógnitas objetivas (cf. M. A. item 3).

Kant fornece o seguinte exemplo fundamental desse procedimento de construção dos geômetras gregos. Suponha-se que um geômetra se depare com o problema de descobrir como a soma dos ângulos internos de um triângulo “se relaciona com um ângulo reto” (B 744). O método de análise-síntese o instrui a supor o problema como resolvido e a começar “construindo um triângulo” (ibid.). Em seguida, já na transformação, o geômetra amplifica o triângulo construído “prolongando um de seus lados” a fim de obter “dois ângulos adjacentes que somam o mesmo que dois retos” (ibid.) e dividindo “o ângulo externo” com uma linha “paralela ao lado oposto do triângulo” (ibid.). Na resolução, ele demonstra a legitimidade das construções auxiliares recém-descobertas recorrendo, entre outras coisas, à proposição que afirma que a soma de dois ângulos retos “perfaz exatamente tanto quanto a soma de todos os ângulos adjacentes traçáveis a partir de um ponto pertencente a uma linha reta” (ibid.). Finalmente, na síntese, o geômetra constrói efetivamente o triângulo suposto e, “mediante uma cadeia de inferências” chega à “solução totalmente elucidativa e ao mesmo tempo universal do problema” (B 745). Com isso Kant quer dizer que as condições descobertas na solução do problema são universalmente aplicáveis, i. e., que as construções auxiliares encontradas são igualmente decisivas para a descoberta da solução de outros problemas.

Tal aplicabilidade universal das construções permite aquilatar a fertilidade heurística do método empregado, assim como comparar a efetividade da análise geométrica com a filosófica. Na tentativa de solução do mesmo problema com que se deparou o geômetra, o filósofo de fato limitar-se-á a refletir sobre o conceito das entidades geométricas utilizadas. Mediante tal procedimento meramente discursivo ou a partir de conceitos, ele nada conseguirá descobrir de novo além daquilo que já está contido na definição dos conceitos. Ou, nas palavras de Kant, o filósofo poderá apenas “desmembrar e tornar claro o conceito de uma linha reta, de um “ângulo ou do número três”, mas jamais descobrirá “outras propriedades que nem se encontram nestes conceitos” (ibid.).

A isso deve ser acrescentado que os procedimentos de construção tanto de conceitos matemáticos quanto de proposições matemáticas considerados por Kant são uma reinterpretação, a partir do conceito de intuição pura, das construções adotadas por Tales que, segundo o próprio Kant, engendrou “uma revolução na maneira de pensar” na matemática, a qual pela primeira vez pode enveredar “o caminho seguro de uma ciência (B 9). De fato, por meio desses procedimentos construtivos, foi possível a Tales e aos matemáticos que o sucederam progredirem em seus conhecimentos, i. e., acrescentarem à matemática constantemente novos teoremas.

Ao mesmo tempo, a idéia de que é possível construir conceitos e proposições, que Kant sem dúvida retirou da geometria grega, permite entender a sua concepção de **objeto possível**. Para Kant, se um conceito qualquer “está em conexão com as condições formais da experiência, seu objeto é chamado de possível” (B 286). Melhor dizendo, se um conceito pode ser instanciado quer arbitrariamente na intuição pura, quer por ocasião da experiência na intuição empírica, então seu objeto é chamado de possível. Ora, essa noção “é claramente uma generalização do conceito de objeto possível tal como encontrado em Pappus” (L. pg. 31). De fato, para Pappus a “coisa admitida” na análise “é possível” se efetivamente “for dada” ou construída na síntese. Assim, tanto em Pappus quanto em Kant, o objeto possível é entendido como o resultado de certos procedimentos tanto **conceituais** (discursivos) quanto **construcionais** (intuitivos).

Do mesmo modo, se são chamados de possíveis aqueles objetos instanciados na intuição (pura ou empírica), poderão ser chamadas igualmente de possíveis as proposições que podem ser verdadeiras segundo um modelo cujos elementos do domínio são os objetos possíveis. **Ipsa facto** certas questões kantianas do tipo “como são possíveis as proposições sintéticas a priori?” podem agora “ser reconduzidas à sua origem presumível” (M. A. item 3). Perguntar como são possíveis as proposições sintéticas a priori significa perguntar como tais proposições podem se referir a objetos possíveis, i. e., como elas podem ser verdadeiras ou falsas com respeito a um modelo construído no domínio dos objetos possíveis. Melhor dizendo, quando Kant se põe o problema da possibilidade das proposições sintéticas a priori, ele não está de modo algum querendo simplesmente **provar** sua verdade ou falsidade, mas antes querendo **buscar as condições** para determinar essa verdade ou falsidade³. O problema em questão é, pois, como diz Loparic, “**um problema-a-encontrar**” (L. pg. 34). Kant de fato precisava encontrar condições que assegurassem “de modo apodítico que proposições sintéticas consistentes de um certo tipo fossem satisfazíveis no domínio das aparências” (ibid.). Daí se segue que o problema central da **Crítica da Razão Pura** pode ser visto como sendo o problema de elaborar uma **semântica transcendental**, i. e., “uma teoria da satisfabilidade de proposições” (L. pg. 161) que garanta um modelo - construído a partir de certas condições formais da experiência - dentro do qual as proposições sintéticas a priori da matemática e da física puras possam ter seu valor de verdade bem definido.

Igualmente, através da concepção de objeto possível, Kant pode determinar os **limites do uso especulativo da razão**, impedindo-a de transgredir as fronteiras da experiência possível. Traçado esse limite, Kant pode também determinar o escopo de investigação do filósofo especulativo. Dessa forma, a classe de problemas sobre os objetos possíveis passa a ser igual à classe dos **problemas solúveis** na filosofia especulativa. Não podemos, diz Kant,

“conhecer nenhum objeto como coisa em si mesma, mas somente na medida em que for objeto da intuição sensível, isto é, como fenômeno; disto segue, é bem verdade, a limitação de todo o possível conhecimento especulativo da razão aos meros objetos da **experiência**” (cf. B XXVI).

Essa é exatamente a **aspepsia** que Kant procura empreender na filosofia em oposição à metafísica tradicional, a qual estudava conceitos cujos objetos não eram de modo algum possíveis (e. g. deus, liberdade, etc.). O estudo de tais objetos gerava problemas inevitáveis mas ao mesmo tempo insolúveis à razão, que a conduzia a dilemas intermináveis (cf. A VII e B 21). Assim, mediante tal **aspepsia**, a metafísica pode finalmente “deixar de rolar incessantemente essa pedra de Sísifo” dos problemas relativos a **objetos impossíveis**, - i. e., objetos que se colocam para além dos domínios da experiência possível - os quais causavam “uma esterilidade manifesta neste campo” (cf. Prog. A 9). Tratava-se realmente de realizar “uma reforma completa e inevitável, ou, mais ainda, um renascimento da Metafísica” (P. pg. 8), considerando todas as tentativas até agora realizadas pela Metafísica Tradicional “como não ocorridas”, a fim de “poder constituir (...) a verdadeira metafísica” (B 23; cf. B XXXV).

5. CONCLUSÃO

A vinculação entre Kant e o método de análise-síntese permitiu-me entender algumas importantes passagens da **Crítica da Razão Pura** e dos **Prolegômenos**, na medida em que revelou o papel metodológico por elas desempenhado no bojo do edifício transcendental. Além disso, conceitos fundamentais utilizados por Kant puderam ser reinterpretados de modo a elucidar a preocupação central de Kant e a aprofundar os caminhos por ele seguidos. Muitos outros temas kantianos são suscetíveis de tal leitura e no que se seguiu procurei não apenas mostrar a plausibilidade de tal estudo mas também a fertilidade filosófica dele advinda.

NOTAS

- 1 - Também levarei em conta o aprofundamento deste tema desenvolvido por Loparic (cf. L.).
- 2 - CORNFORD, F. M.: **Mathematics and Dialectics in the Republic**, in "mind", número 41 (1932), pgs. 61-95.
- 3 - ROBISON, R.: **A Análise Geométrica Grega**, in "Cadernos de História e Filosofia da Ciência", CLE/UNICAMP, número 4, pgs 5-15.

LISTA DE ABREVIATURAS

- A. - KANT, I.: **The Critique of Pure Reason**, Macmillan and Co., New York, 1961 (as citações são de tradução nossa);
- B. _____ : **A Crítica da Razão Pura**, in "Os Pensadores", ed. Abril, São Paulo, 1980 (tradução de Valério Rohden);
- Di. - KANT, I.: **La Dissertation de 1770**, Librairie J. Vrin, Paris, 1976 (as citações são de tradução nossa);
- E. - EUCLID: **The Elements**, Dover, New York, 1958, translated with introduction and commentary by Sir Thomas Heath;
- H. - HINTIKKA, J.: **Logic, Language Games and Information**, Clarendon Press, Oxford, 1973 (as citações são de tradução nossa);
- H. R. - HINTIKKA, J. and REMES, U.: **The Method of Analysis**, D. Reidel Co., Boston, 1974 (as citações são de tradução nossa);
- L. - LOPARIC, Z.: **Scientific Problem-Solving ind Kant and Mach**, dissertation for the degree of doctor of Philosophy, Un. Catholique de Louvain, 1982 (as citações são de tradução nossa);
- Log. - KANT, I: **Logic**, Bobbs-Merrill, Indianapolis, 1974, translated by R. S. Hartman and W. Schwartz;
- M. A. LOPARIC, Z: **The Method of Analysis in Kant's Speculative Philosophy**, texto apresentado para a obtenção do título de livre-docente junto ao Departamento de Filosofia da UNICAMP, 1986 (as citações são de tradução nossa);

- P. - _____ : Prolegômenos, in "Os Pensadores", op. cit.,
tradução de Tania Maria Bernkopf;
- Prog. : _____ Os Progressos da Metafísica, ed. 70, Lisboa,
1980;
- R. L. - SOUZA, R. L.: Sobre o Problema da Interpretação do Método
de Análise - da concepção tradicional à visão de Hintikka e
Remes, dissertação de mestrado apresentada junto ao
programa de pós-graduação em Lógica e Filosofia da Ciência
da UNICAMP EM 1985;